

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º 4 entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 518	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	—	—	II DE MAIO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Depois de longa e prolongada doença, que ha mais de três annos inspirava os mais serios cuidados e fazia a todo o momento receber um triste desenlace, falleceu na segunda feira ultima, a ex.ª sr.ª D. Maria Guilhermina Marques dos Anjos, viuva do abastado capitalista o sr. Antonio Lopes Ferreira dos Anjos, fallecido ha já muitos annos, e estremeçada mãe da ex.ª sr.ª condessa de Valençães e do sr. conde de Fontalva

A fallecida era uma santa e virtuosa senhora, muito intelligente, muito illustrada, uma musicista muito distincta, não só como executante, mas tambem como compositora, pois correm impressas, sob modesto anonymo, composições suas, para piano que revelam delicado gosto e notaveis aptidões artisticas.

Esposa amantissima, a sr.ª D. Maria Guilhermina Anjos desapareceu das festas alegres da sociedade apenas seu marido desapareceu no tumulo e, d'então para cá, vivia muito retirada, dando-se apenas com as pessoas de sua familia, vivendo exclusivamente para o affecto dos seus filhos, que a adoravam.

A elles e a seu genro, o nosso presado amigo o sr. conde de Valençães, o illustre homem de letras, que o OCCIDENTE tem a honra de contar entre os seus mais brilhantes collaboradores, a expressão do nosso mais sentido pezame.

Infelizmente não pára aqui a parte necrológica da nossa chronica, que n'estes ultimos numeros tem sido tristemente abundante.

No mesmo dia em que morreu a mãe da sr.ª condessa de Valençães, falleceu um medico dos mais conhecidos e estimados em Lisboa, o sr. dr. Ferrer Farol, que juntamente com o sr. dr. Mattos Chaves, tinha ha cerca de 20 annos, um posto medico no Rocio,

posto medico que foi dos primeiros que se estabeleceram em Lisboa e é um d'aquelles que mais serviços tem prestado.

O dr. Ferrer Farol fôra ha dias accommettido d'uma congestão cerebral, quando sahia de casa d'um seu doente, na Avenida.

Transportado logo para sua casa, sem dar acôrdo de si, em estado gravissimo, o illustre medico, tratado com a maior dedicação por muitos dos seus collegas, experimentou horas depois sensiveis melhoras, melhoras tão grandes, que faziam julgar affastado o perigo e permittiam esperanças de possibilidade de cura.

Infelizmente não foi assim. Essas melhoras, ao principio muito rapidas, estacionaram em breve, depois veio o agravamento da doença, um abcesso no cerebro, e apesar de todos os disvellos

da sciencia e de todos os cuidados dos amigos, pois o dr. Ferrer Farol teve-os até á ultima hora ao lado da sua cabeceira, e dos mais dedicados como amigos, e dos mais abalisados como medicos, a morte foi o epilogo fatal e rapido d'essa rapida e terrivel enfermidade.

O dr. Farol contava cincoenta e quatro annos apenas: era um homem magro, secco, muito alto, physionomia insinuante e sympathica. Medico pela Escola do Porto, assentára ha muitos annos a sua residencia em Lisboa, onde tinha vasta clinica. Era um bom medico, muito intelligente, muito cuidadoso nos seus doentes, muito caritativo para com os pobres, que encontraram sempre n'elle a sciencia prompta a tratá-los e a bolsa prompta a soccorrel-os.

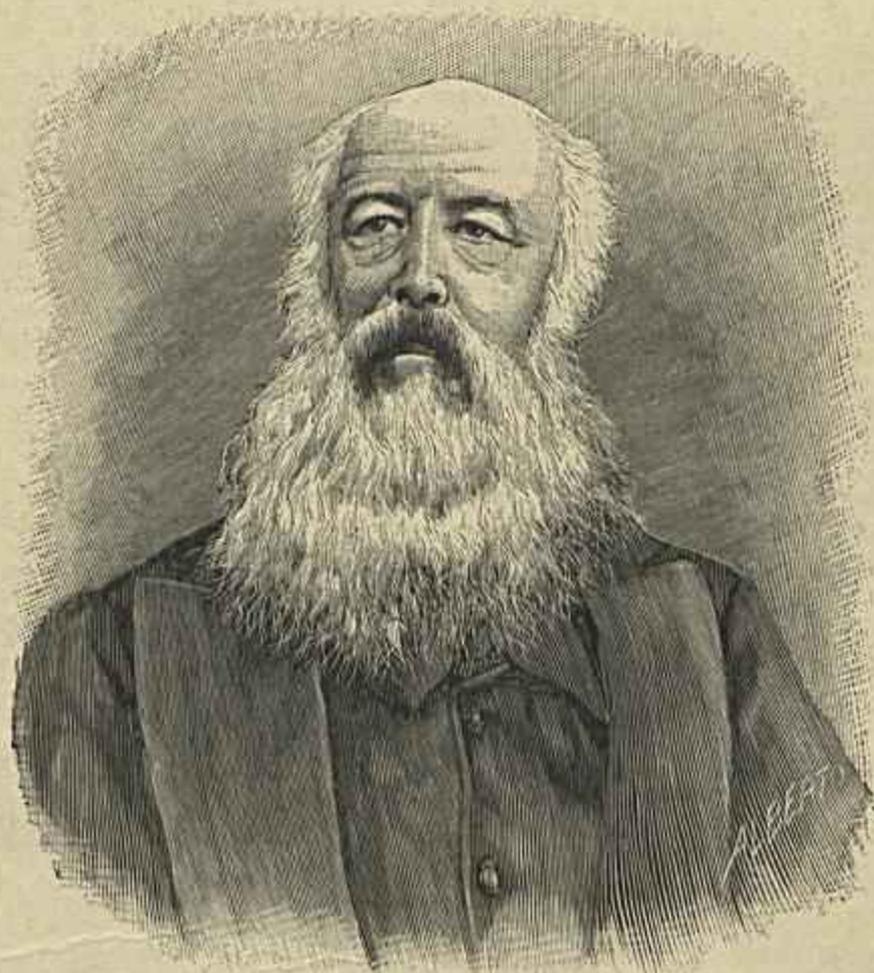
Alem de clinico muito habil e distincto o dr. Ferrer Farol era tambem um escriptor de valor, um jornalista de pulso e d'isso deu provas n'um jornal que fundou e dirigiu ha mais de vinte annos, a *Tribuna*, e que foi muito fallado e apreciado em Lisboa.

A morte de Ferrer Farol foi muito sentida em Lisboa, onde elle contava muitos amigos entre os seus collegas, entre os seus numerosos doentes, e entre os pobres de quem elle era a providencia!

Enviamos os nossos pezames á sua familia, e ao seu amigo intimo e companheiro de trabalho, o dr. Mattos Chaves, que apesar de não ser seu parente, lhe queria como a um irmão estremeçado e teve na morte d'elle um golpe pungentissimo.

No domingo ao anoitecer, Lisboa foi sobresaltada pela noticia d'um grande desastre, que se tinha dado no elevador da Graça, um elevador que ha semanas se estreiára com grande gaudio dos moradores d'esse bairro, gaudio que durou pouco tempo, porque o novo elevador começou logo a ter intermitencias no serviço.

A noticia era verdadeira, infelizmente. De facto tinha havido um desastre no novo elevador: um carro tinha descarrilado, abalroando com outro e d'ahi, não a mortalidade que o boato contava, porque quem conta um conto sempre lhe accrescenta um ponto, mas a morte d'um



MARQUEZ DE FICALHO — FALLECIDO EM 27 D'ABRIL DE 1893

(Copia de uma photographia do sr. Henrique Nunes)

pobre homem, que ia muito tranquillamente subindo a pé a calçada da Graça, e ferimentos mais ou menos graves em todos os passageiros, que enchiam o carro ascensor, que o enchiam até de mais, porque o carro levava passageiros a mais da lotação, sendo esta, segundo se diz, uma das causas do desastre.

A proposito d'este triste acontecimento reeditaram-se, como é sempre costume, as vociferações violentas contra o systema de locomoção que o produziu, e soltou-se de novo o grito de guerra contra os elevadores, como se tem soltado quando tem havido desgraças no elevador da Estrela, como se tem soltado contra os Riperts, contra os caminhos de ferro, e contra os trens de praça quando qualquer d'elles é causa d'algum desastre.

Não acompanharemos esse grito, mas não deixaremos de lastimar a falta de cuidado, de vigilância, de fiscalização, que da parte de todos a quem compete fiscalisar e vigiar para que esses desastres se não dêem, houve na desgraça do elevador da Graça e ha permanentemente em todos os systemas de viação da nossa cidade, onde só por um acaso milagroso, por um capricho carinhoso da sorte, desastres d'esses se não dão todos os dias.

Os elevadores representam um grande melhoramento, mas é necessario que a imprudencia d'uns, a negligencia d'outros, não tornem esse melhoramento n um perigo enorme e permanente.

Ha poucas noites ainda, vimos, nós na linha do elevador da Estrela, quasi ao pé da rua de S. Bento, um carro que descia a calçada da Estrela, descel a em tal velocidade de que só por um d'esses taes caprichos carinhosos da sorte, que deram origem ao proverbio, «ao menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo» não aconteceu desgraça alguma.

Ora isto não pôde nem deve continuar assim e é necessario não estar todos os dias a provocar a providencia para fazer milagres, porque ella pôde um dia não estar para isso, e Deus não pôr a mão por baixo, ... como agora aconteceu no elevador da Graça.

E basta de mortes e de desastres e fallemos de cousas mais alegres. Fallemos dos theatros, da opera comica franceza, que está funcionando em S. Carlos.

Se tivéssemos só que fallar da sua noite d'estreia não mudaríamos tanto d'assumpto como á primeira vista podia parecer, porque essa estreia foi um verdadeiro desastre.

Felizmente porém a companhia emendou a mão: a sua segunda noite foi mais alegre, e a terceira um successo, tão verdadeiro quanto inesperado.

A companhia franceza debutou com a *Mireille* de Gounod, uma opera nova para o publico de Lisboa, opera a que a critica estrangeira tem feito rasgados elogios; mas em que nenhum publico tem pegado lá com grande enthusiasmo.

A *Mireille* tem trechos lindíssimos, quasi todos. A musica é muito fresca, muito inspirada, muito graciosa, mas acontece com ella uma cousa original que já notou um critico musical francez e que nós agora vimos ser perfeitamente verdadeiro.

Todos os trechos da *Mireille* isoladamente agradam muito, são deliciosos; reunidos em partitura agradam muito menos e da audição da opera sae uma certa sensação de fadiga, de massada.

E é assim; pelo menos foi esse o effeito que nos produziu na primeira noite.

E' verdade que para esse effeito concorreu poderosamente tambem o desempenho deficientissimo, que a opera teve, deficientissimo principalmente por parte da artista, que fazia a parte de Mireille, parte sobre a qual recaem quasi todas as responsabilidades da partitura.

Essa artista a quem, segundo nos dizem, já foi rescendida a escriptura, não era com certeza uma nullidade: sabia cantar, estava senhora dos segredos da sua arte, mas a voz não a ajudava e além d'isso tinha o defeito medonho de desafinar horrosamente nas notas agudas.

O seu physico não a ajudava tambem. Era extremamente strabica, um defeito de que ninguem pôle pedir responsabilidade a uma artista; mas que exige para o regastar grande numero de elevadas qualidades artisticas, que a sr.^a Miséray não possuia.

O tenor da *Mireille* o sr. Grandubert esse agradou na primeira noite: não fez maravilhas, mas viu-se que era um artista correcto, sem comtudo deixar advinhar o desempenho excellente que d'ali a noites daria ao *Fausto*.

O baixo agradou deveras n'essa opera; mas na opera immediata agradou menos, no papel de

Faistaff do que se despiciu distintissimamente no papel de Mephistopheles.

A segunda opera foi o *Songe d'une nuit d'ete*, a deliciosa opera de Ambroise Thomas cujo poema só tem o defeito de metter em scena, tratada d'uma maneira deploravel, a grande figura de Shakspeare.

No *Songe* estreou-se uma cantora nova, a sr.^a Block, que não tendo a sciencia de canto da sr.^a Miséray tem sobre ella a grande vantagem de desafinar muito menos — porque nas notas agudas a sr.^a Block não é muito impecavel — e de ter um physico muito mais agradável.

A sr.^a Block cantou a sua parte muito regularmente, pois a parte da Rainha da opera de Ambroise Thomas tem enormes exigencias de virtuosidade e representou distinctamente o seu papel, chegando mesmo a dizer muito bem todo o terceiro acto.

N'esta opera estreou-se um tenor novo, o sr. Maillaud, que nos desagradou no 1.^o acto, mas que nos agradou nos outros dois actos, apesar da sua voz ser muito nasal.

O grande successo da companhia porém foi o *Fausto*, que a sr.^a Block, o tenor Grandubert, o baixo, o barytono e a artista encarregada da parte de Siebel desempenham muito bem, tão bem que apesar de nenhum d'elles ser cantor de fama, o prologo, a *Salve dinora casta e pura*, e a *aria das joias*, o duetto d'amor, e o tercetto final, poucas vezes tem sido tão bem desempenhados em S. Carlos por cantores d'opera afamados.

E o *Fausto* desmanchou completamente o mau effeito da estreia da companhia e com outra opera assim, a companhia franceza d'opera comica fará boa carreira em Lisboa.

Assim seja!

O theatro do Gymnasto teve um grande e justissimo successo, com a comedia em 3 actos original de Eduardo Schwalbach *Anastacia & C.*, que no dia 5 do corrente ali subiu a scena em beneficio da festejada actriz Jesuina.

A *Anastacia & C.* é uma comedia engraçadissima, uma verdadeira obra prima no seu genero, e Eduardo Schwalbach encontrou n'esta peça o *pendant* do seu grande successo do *Intimo*.

E' claro que não comparámos uma peça com a outra: pertencem a generos diferentes, mas dentro do seu genero uma vale bem a outra, ambas attingem lugar de honra.

A *Anastacia & C.* é uma peça de *high life*, feita com talento as mãos cheias, com um bom humor e *verve* extraordinaria, cheia de situações d'um comico desopilante, de personagens caricaturados com uma *verve* mexgotavel de ditos magnificos, lançados ao acaso, com uma prodigalidade de milionario.

Durante os tres actos o publico ri tanto com todos elles, gosta tanto d'elles todos, que no fim não sabe qual hade preferir.

Muita gente prefere o primeiro, a maioria o segundo, nós gostando muitissimo dos dois primeiros preferimos-lhe o terceiro, que, magnifico como os outros dois, tem sobre elles, a superioridade de conservar a mesma alta intensidade comica sem recursos de *mise-en-scene*, só pela força hilariante do dialogo, que em toda a peça é d'uma pujança extraordinaria.

E esta diversidade de preferencias quer dizer que todos os tres actos são excellentes e que a peça, como já dissemos, é uma obra prima no seu genero.

E o successo triumphal da *Anastacia & C.*, deu-nos a mesma enorme alegria, que já nos dera o successo colossal do *Intimo*.

E n'essa alegria ha alguma cousa mais do que o prazer de ver triumphar um amigo querido e um querido companheiro, ha um boccadinho de vaidade satisfeita: a vaidade de ter acertado.

Fomos nós quem adivinhámos em Eduardo Schwalbach o autor dramatico.

Elle ao principio riu-se da prophesia e foi preciso dizer-lhe a serio que era a serio que o aconselhavamos a fazer uma peça, para que elle nos seguisse o conselho. Fez a peça. Essa peça chamava-se o *Intimo*, um dos maiores successos theatraes de Portugal, uma das mais brilhantes peças do theatro portuguez.

Todos o applaudiram, todos o victoriaram, mas houve quem dissesse — que tolos e invejosos sempre ha! — que fóra um *bamburrio*, aquillo, como se pelo mesmo bamburrio com que se accerta com um numero á roleta, se pudesse fazer uma peça em tres actos e completa, e magnifica, como é o *Intimo*.

Agora o successo da *Anastacia & C.* acaba de confirmar triumphantemente, que Eduardo Schwalbach é um escriptor dramatico a valer, um dos

talentos mais brilhantemente dotados para o theatro, que tem apparecido na nossa terra.

Eu não precisava, d'essa confirmação, estimo porém que ella viesse, não para tapar a bocca a cretinos que é trabalho inutil, porque do mesmo modo que a toleima humana é incommensuravel incommensuravel é a bocca dos tolos, mas para que Eduardo Schwalbach tivesse mais um triumpho, e para que o theatro portuguez contasse mais uma obra notavel.

O desempenho da *Anastacia & C.* é primoroso por parte de todos os artistas e notabilissimo por parte do actor Valle que é positivamente extraordinario no seu papel, e que todas as noites, quando entra em scena é saudado com uma salva de palmas, tão notavel e original é o typo que apresenta.

O publico tem feito todas as noites ruidosas e entusiasticas ovações a Eduardo Schwalbach, aos seus enterpretes e a Leopoldo de Carvalho que ensaiou excellentemente a peça e a *Anastacia & C. Modas e confeções*, foi um successo em toda a linha.

Gervasio Lobato.

MARQUEZ DE FICALHO

Alto, magro, grande calva, longas barbas brancas como a neve, a pelle como um bocado de pergaminho amachucado. Valente como as suas armas bem temperadas, rijo como o aço de que eram feitas e como ellas um espelho.

Quando atravessava Lisboa, os velhos mostravam-o aos novos, os paes aos filhos, todos o conheciam, todos o estimavam. Elle a todos saudava com o seu gesto patriarchal: — «Adeus, adeus» E seguia sorrindo com o seu ar bom, muito simples, e o cigarro que lhe amarellava o bigode. Elle não podia conhecer tanta gente, mas era tanta gente que o conhecia a elle, e vinha a dar na mesma: — «Adeus, adeus.»

Gostava muito de contar aneddotas aos novos, coisas muito velhas. E tinha muita graça, graça perdida de todo agora, a velha graça portugueza.

Ultimamente não sabia. Vinha á janella e cumprimentava os visinhos. Defronte tinha a redacção d'um jornal. E o Mordomo-mór gostava d'aquelles rapazes que eram affectuosos para elle e que de lá lhe sorriam tambem. Todos tinham um logar no seu coração bondoso de velho christão portuguez.

Tivera um ideal, batera-se por elle como um heroe. Sofreu muito, teve desconsolos e maguas, glorias enormes, compensações momentaneas. Viveu n um tempo em que a palavra *Liberdade*, letra a letra, se escrevia no ceo, nos raios da estrella d'alva. E como os velhos cavalleiros medievaes por suas damas, batera-se por aquella, que quantas vezes os seus olhos sonhadores dos vinte e poucos annos veriam illuminada nas suas vestes purissimas como feitas da petala d'um grande lyrio. E porque elle soffrera muito, por isso lhe dedicára todo o amor. Amor vivissimo, amor terno, amor carinhoso, amor que lembra o amor de mãe, porque nenhum faz soffrer tanto, nenhum provem de maior soffrimento.

E porque tinha a consciencia de haver trabalhado, de haver combatido, de haver soffrido pelo bem de todos, n'aquella mystica e santa gratidão de homem generoso por aquelle a quem fez a dadiva, elle a todos amava, a todos sorria, porque todos lhe deviam alguma coisa.

E por isso entre a multidão respeitosa passava simples e contente — «adeus, adeus» — como se todos fossem filhos.

Ha pouco uma prolongada doenca trouxe-lhe a morte, morte tranquilla, final de um dia de verão enorme, resplendente, sem uma nuvem, continuado por um crepusculo sereno em que a noite se esfuma pouco a pouco. — «Adeus, adeus.»

Antonio de Mello Telles da Silva foi o primeiro marquez de Ficalho, de juro e herdade, segundo conde de Ficalho em verificação de vida no mesmo titulo; par do reino por carta regia de 30 de abril de 1826, de que prestou juramento e tomou posse, na sessão da respectiva camara de 16 de agosto de 1834; conselheiro d'Estado effectivo; mordomo-mór da casa real; gentil-homem da camara da rainha, a senhora D. Maria II, d'el rei D. Pedro V, D. Luiz e D. Carlos; ajudante de campo de S. M. I. o senhor D. Pedro, regente do reino em nome de sua filha a senhora D. Maria II, desde que este principe aportou á Ilha Terceira a 30 de março de 1832 até ao seu fallecimento, a 24 de

setembro de 1834; exerceu eguaes funcções junto do príncipe D. Augusto Carlos de Leuchtemberg e de Santa Cruz, príncipe de Eischstaed, primeiro esposo da rainha a senhora D. Maria II, acompanhando o desde Munich até Lisboa; continuou no mesmo exercício de ajudante de campo com S. M. el-rei o senhor D. Fernando II, até pedir a sua exoneração de official do exercito, que lhe foi concedida com as honras de tenente coronel; grã-cruz das ordens de Nosso Senhor Jesus Christo e da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito; grã-cruz da ordem da Roza do imperio do Brazil; da Aguiá Vermelha da Prússia; da distincta ordem de Carlos III de Hespanha; de Santo Estanislau da Rússia; associado provincial da Academia Real das Sciencias de Lisboa; vogal effectivo do concelho de Agricultura, Commercio e Industria; sexto senhor de Villa Verde de Ficalho, e do Morgado na villa de Serpa; commendador de Santa Maria de Alcanede, na ordem de Aviz e alcaide-mór da mesma villa; commendador de S. Pedro de Gouveas e S. Martinho de Pinhel na ordem de Christo.

Tendo nascido a 23 de agosto de 1806, succedeu no titulo de conde e senhor de Ficalho, bem como no morgado de Serpa, a seu pae, o primeiro conde de Ficalho, a 25 de agosto de 1812.

Apesar de todos estes titulos... Emendemos. Com todos estes titulos nunca a fidalga lhaneza, portugueza de lei, teve mais alto representante. E era por isso, decerto, que sempre, o marquez de Ficalho, encontrou no povo as maiores sympathias.

Portuguez d'alma, vida e coração, era-o pela raça, pela educação, pelo seu feitio phisico e pelas tendencias do seu espirito.

Dava-se bem com o povo; não creio que por espirito de democracia, mas porque o povo portuguez sabe ser fidalgo.

Gostava muito de ouvir tocar guitarra e de todos os descantes populares em que o povo revela toda a sua singeleza poetica. E a alma fina e delicada do Marquez, comprazia-se na convivencia d'esses espiritos simples, que a alegravam pelos ditos picarecosos, commoviam pela ingenuidade dos sentimentos, consolavam no meio das agruras e desillusões da vida, mostrando-lhe o povo bom como elle, como elle generoso, como elle delicado e fino.

Educado nos velhos salões aristocraticos, a sua maneira de falar, de contar as historias com gestos lentos de cabeça e mãos, seriam sufficientes só por si para definir um fidalgo de raça.

Graça ás pilhas nas aneddotas. Memoria prodigiosa. Se falhava, punha de casa. E tinha mais graça.

Filho e neto de militares, abraçou a carreira das armas onde a Gloria foi prodiga para com elle.

Os nomes de seus avós encontram-se nas paginas mais brilhantes da nossa historia, tomada da Praça de Mourão, sitio de Badajoz, batalha das linhas d'Elvas.

Seu pae Francisco José de Mello, primeiro conde de Ficalho, tenente-coronel do regimento de infantaria 18, morreu em Salamanca a 25 de agosto de 1812, em consequencia dos gravissimos ferimentos que heroicamente recebeu na batalha dos Arapiles.

Deixava viuva e cinco filhos. Mas essa viuva era como Cornelia e os filhos haviam de ser como os Gracchos.

Corria horrivel o tempo. Preparara o inferno uma lucta medonha entre irmãos. Vinha do alto o exemplo: dividiam-se as familias em partidos. Irmãos contra irmãos, paes contra filhos. Todos tinham as suas idéas, mas essas idéas combatiam-se. Era torçoso que a lucta se generalisasse, que a sorte das armas decidisse a de cada um.

Tempo horrivel. Dizer-se d'um homem que era liberal era abrir-lhe a porta do carcere, pesadissima porta que, uma vez fechada, só o carasco tornava a abrir.

Exaltavam-se os espiritos. Ser louco, ser cruel, era quasi prova de virtude. Um frade em plena rua insultava uma senhora e arrancava-lhe do chapéo o laço azul e branco; uma pobre creancinha era obrigada a dar tres voltas á roda da lórea d'onde o pae a olhava n'uma careta horrorosa, d'olhos esboghados.

E a liberdade apparecia em sonhos á fantasia, como o remedio unico.

A Condessa de Ficalho chamou os filhos e mandou-os partir.

Despediu-se d'elles no oratorio:

—Meus filhos. Só Deus dá a virtude e o valor é uma virtude. Peçam a Deus lhes dê valor.

Os filhos ajoelharam em frente do altar e a Condessa orou com elles.

Depois levantaram-se e vieram beijar-lhe a mão. Nem uma só linha se moveu n'aquelle rosto, nem um calafrio passou por aquelle corpo; aquellas entranhas, que haviam dado vida áquelles que ella talvez mandava agora para a morte, ninguem diria que houvessem estremecido. Elles beijaram-lhe a mão e sahiram.

Quando, minutos depois, os criados entraram no oratorio, a Condessa de Ficalho, estava desmaiada sobre os degraus do altar, hirta, vencida em fim, mas tarde, para que os outros a não vissem, os outros que tinham de vencer.

Cruelmente pagou no carcere o seu heroismo. Os seus carascos appellidavam-se esposas do Senhor, mas estavam desmoralizados pelo fanatismo politico.

As negras paredes do convento de Carnide nunca haviam visto até então soffrimento maior. E ella resignada, sem uma queixa, rogava a Deus pela honra dos filhos!

Longos mezes se passaram, e apenas um santo padre lhe dava de quando em quando noticias de que os filhos eram vivos. Mas para que as freiras cruéis não desconfiassem, tinha de embrulhar essas boas novas nas blasphemias mais vis, mais atrozes, mais dolorosas para o coração d'aquella pobre mãe, tão sósinha entre aquellas paredes frias, cheias das cruces negras da via dolorosa que ella tantas vezes beijaria como suas.

E dizia o padre, quando a sentia perto:

—Então que me dizem? Aquelles homens tem pacto com o demonio! O Francisco Ficalho foi atravessado por uma balla, mas o diabo não o quiz. Lá desembarcou com o Duque da Terceira no Algarve.

E a condessa chorava e agradecia a Deus.

Mal desembarcou em Lisboa, o Marquez de Ficalho correu a soltar sua mãe. Que delicioso encontro não deveria ser aquelle!

Dias depois ia uma senhora de pés descalços subindo a Calçada da Graça, em cumprimento d'uma promessa. Os curiosos apinhavam-se. O povo cumprimentava e dizia:

—Deixem passar. E' a mãe dos Ficalhos.

Deus dêra valor aos filhos.

Effectivamente durante toda a campanha não houve soldados mais bravos, mais destemidos.

O marquez de Ficalho, nomeado Ajudante de Campo do Imperador D. Pedro IV, entrou em quasi todas as batalhas do Porto e do Algarve, distinguindo-se muito especialmente na batalha de 11 de agosto na Ilha Terceira. No campo de batalha teve um posto de accesso.

Mais feliz do que seu irmão, atravessado por uma balla durante o cerco do Porto, nunca foi ferido em campanha. As ballas contentavam-se em crivar-lhe de furos o seu capote de cavalaria.

Era ultimamente a praça mais antiga do nosso exercito.

A 14 de setembro de 1834 casou com a sr.^a D. Maria Luiza Braamcamp d'Almeida Castello Branco, filha dos primeiros Condes de Sobral, senhora ha pouco fallecida, e que a uma belleza pouco vulgar reunia dotes superiores de espirito e coração.

Deixa um unico filho, o actual Conde de Ficalho, lente da Escola Polytechnica, Camarista d'El-Rei, e ha pouco, nomeado Conselheiro d'Estado.

J. C.

THOMAZ BLANC

Foi longa a existencia do R.^{do} Thomaz Blanc; é curta, em proporção, a sua biographia, como a de quasi todos que fazem consistir principalmente a vida na constante practica da virtude, no exercicio quotidiano das boas acções, no recolhimento do espirito, no retiro do mundo, na licção dos livros, e, quando se é sacerdote, no cumprimento cheio de responsabilidades, todo paz, todo mansi-

ção, todo amor, do seu respeitavel e santo ministerio. Contemplar um homem d'estes dulcifica o espirito, consola das torpezas da sociedade, afugenta a descrença, levanta a alma do lodo da materia, abre-lhe as azas, aproxima-a de Deus; mostral-o aos outros, ainda que seja imperfeita e inhabilitante, é pôr-lhes diante dos olhos um exemplo digno de imitar-se, é prestar-lhes um serviço.

Mas, alem de sacerdote e de virtuoso, o R.^{do} Thomaz Blanc era tambem escriptor, pelo que merece duplamente a consideração geral; mas todas estas qualidades realçava outra que nol-o torna estimavel, a nós portuguezes, e que para nós as sobredoura: conhecia, prezava a nossa lingua e litteratura; pelo que devemos a sua memoria gratidão e culto especialissimos.

Nasceu Thomaz Blanc em outubro ou novembro de 1806, em Aramon, povoação de 2:500 habitantes, cabeça de um dos cantões do departamento maritimo de Gard, no sul da França, dito assim do rio Gard, o qual, formado pela junção do Gardon d'Anduze e do Gardon d'Alais, oriundos dos montes Cevennes, se lança no Rhodano entre Aramon e Beaucaire. O departamento de Gard corresponde a uma parte do lado oriental do antigo Baixo Languedoc, e na divisão territorial de outrora continuava a léste com a Provença.

Foi sua mãe Catharina Thibaut, que tomou o appellido Blanc do esposo. A sombra dos seus carinhos cresceu Thomaz, educado nos sãos principios da moral e da religião, e quem sabe se tambem nas primeiras letras. Ainda muito pequeno, já aos domingos ajudava á missa devotamente, annuncio dirieis do seu futuro, com immensa alegria da piedosa senhora, que toda se enlevava n'elle. As doces reminiscencias d'essa epocha deixou-as Thomaz Blanc descriptas com sentimento e singeleza na poesia intitulada *Vieillard et myosotis, so venir d'enfance*, composta, segundo cremos, no declinar dos annos, e dedicada ao seu amigo o sr. dr. Assis Teixeira, lente da Universidade de Coimbra:

Myosotis, o fleur charmant,
O tendre fleur du souvenir,
Je t'aime, et de ma main tremblante
Aujourd'hui je viens te cueillir.

Tu me rappelles mon enfance
— Brillante aurore d'un beau jour —
Où mon coeur, dans son innocence,
S'ouvrit aux douceurs de l'amour:

L'amour d'une mère chérie,
Qui, pour moi toujours en éveil,
Me contemplait, l'âme attendrie,
Le jour, la nuit dans mon sommeil.

Lorsque, le saint jour de dimanche,
J'assistais le prêtre à l'autel,
L'aspect de ma tunique blanche
Charmait son regard maternel.

Après une courte prière,
A genoux, près du crucifix,
Soir et matin ma bonne mère
Me disait: — Sois sage, mon fils!

Car le chemin de la sagesse
Est le vrai chemin du bonheur; —
Puis, me baisant avec tendresse,
Elle me pressait sur son coeur!

Se o contentamento da mãe ao ver o filho com as vestes de acolyto assistindo ao sacerdote nos officios divinos indicava desejos de que elle seguisse o estado ecclesiastico, e se foram esses desejos que decidiram da sua sorte, ou se influíram n'isso outras circumstancias, não podemos nem sequer rastejal-o; o caso é que aos onze annos, instruido nos convenientes preparatorios, abandonou saudoso o lar da familia e a terra natal e entrou no seminario de Avinhão, para ali cursar as aulas, o que fez com assiduidade e sem interrupção, pois, emquanto as frequentou, apenas sahio nas ferias que foi gosar na casa paterna. O proveito d'essa constante assistencia e da apudão natural mostrou-se breve bem claro nos prosperos resultados, porque aos vinte annos completava os seus estudos classicos e theologicos e logo em seguida era nomeado professor no seminario de Beaucaire, elevado já então a seminario diocesano.

N'este estabelecimento religioso passou o joven Thomaz Blanc quatro annos que se lhe deslizaram agradaveis e portanto rapidos, ora entretido no desempenho das suas funcções docentes, ora no cultivo da intelligencia pela assidua leitura, com a qual as amenisava e se opulentava, suavizando ao mesmo tempo e enriquecendo o ensino dos seminaristas entregues ao seu cuidado. «Foi então que eu comecei a saber alguma coisa», diz elle falando de si muito posteriormente; e estas palavras são para nós um raio de luz. Mestre em edu-

O GOLPE DE ESTADO DO REI DA SERVIA

de tão verde, tomou o pezo do encargo imposto aos seus debéis hombros; conheceu que só tinha aprendido a aprender (que para isto são as escolas, mesmo as superiores, e até para os talentos escolhidos); sentiu nascer dentro de si, primeiro com o fim de satisfazer cabalmente as suas obrigações, e depois por gosto, que a pouco e pouco foi aumentando, aquella impaciencia, aquella soffreguidão de adquirir conhecimentos, de tudo inquirir, de tudo perscrutar, tão proprias da juventude, porque ainda apenas abrimos os olhos inexperientes, porque contamos dispôr de uma longa vida, sem medir como ella é curta e veloz e quão vasto e inexgotavel é o mar da sciencia humana. Decorridos annos essa obrigação, esse gosto converteram-se em habito e necessidade que lhe duraram até quasi ao derradeiro alento.

A belleza do sitio, a que prestava majestade o caudaloso Rhodano, em cuja margem fica Beaucaire, a visinhança do rio da sua puericia, do formoso Gard, que mais tarde havia de comparar ao nosso Mondego, e que d'ali perto com o Rhodano conflue, os mysterios da solidão, os horisontes illimitados e brilhantes da mocidade (e quem os não tem por mais desambicioso que seja?), o mundo que se lhe ia gradualmente descobrindo atravez das suas illusões côr de rosa, os cabedães scientificos de dia e de noite enthesourados, pois os dias e as noites dispendia em adquiril-os, tudo lhe tornou



S. M. O REI ALEXANDRE I

(Cópia de uma photographia de Mr Pirou)

prezada aquella estancia, tudo lh'a gravou indelevelmente dentro d'alma, a ponto de considerar essa quadra a quadra mais ditosa da sua existencia.

Não descurando outros ramos de estudos, o que mais o attrahia era o das linguas vivas e mortas; esta predilecção trouxe-lhe como consequencia o amor aos classicos latinos e francezes, e depois aos de varias litteraturas da Europa, os quaes, secundando-lhe a imaginação, já rica de natureza, transformaram o leitor e o solitario em poeta. Quanto contribuíram para tal metamorphose os enlevos e o modo de vida de Beaucaire não é facil discriminá-lo; entretanto estamos persuadido que elles e a vara de condão da juventude actuaram muito mais no desabrochar da sua indole poetica do que os primores litterarios dos antigos e modernos. Que foi em Beaucaire não é facil assentá-lo por conjectura, que não andarão muito longe de acerto. E não proviria d'esta particularidade a grande afeição que elle até perto da morte conservou aquelles sitios? Os que poetam sabem por experiencia qual a cadeia mysteriosa que os prende aos tempos e aos logares onde soltaram os primeiros vôos. Porque não existiria pois a mesma sympathica influencia no animo contemplativo e amavel do joven professor?

(Continúa)

Ramos-Coelho.



PALACIO REAL DE BELGRADO

ONCE O REI ALEXANDRE I PUBLICOU O GOLPE DE ESTADO PRENDEDO OS REGENTES

BYRON¹

I

Ignoro se ao leitor sobram agora momentos feriados em se delongar comigo até cousas e successos de um tempo ido, mas que, á semelhança do sol poente, ainda doira de vivas tintas o crepusculo, em que foi desfolhando as rosas, como diria Castilho. Não sei: estas digressões, porém, teem ás vezes seu encanto; apartam-nos de cousas vistas hoje, e levam-nos a mortos que memoramos, esquecendo seus defeitos. Os mortos são sempre bons; e tanto mais se não é apenas a voz da saudade que d'elles fala, mas antes a admiração pelo seu talento, cujo superior prestigio ainda nos encanta. Conversemos então de mortos; de uma época já extincta, e isso nos levará em direitura ao nosso objecto.

O leitor sabe que, em começos do seculo, uma grande batalha ganha pelos inglezes contra a França, lhes trouxe a elles prestigio e auctoridade em toda a Europa.

Foi o que se viu, por igual, ainda hontem na Aliemanha: e assim, nós estamos agora do *realismo*, em vez de estarmos do *romantismo*. Eu, não sei por quê, era mais do romantismo. Dava preferencia ao homem fatal encostado nas salas á humbreira das portas; ás revoluções que se faziam com versos; e aos moços combatentes da *Joven Italia*, da Hespanha constitucional, e da França de Luiz Filippe. Então, ouvia-se o resoar prolongado de um infatigavel caçador de ideias — Victor Hugo; e, artistas e utopistas, pintores e esculptores, burguezes e ociosos, fidalgos e proletarios, tudo era romantico, e praça assente no exercito que obedecia á trompa de *Hernany*. Mesmo as senhoras. Delphina Gai, rapariga pobre, ao depois M.^{me} de Girardin, lá a viram na *première* do *Hernany*, e ao apparecer no seu camarote, deram-lhe um chuvaire de palmas, conquista da sua belleza peregrina e do fino esmero de sua *toilette*. A sua *toilette*! Um vestido de musselina branca, com sua laixa de azulino! «Vestido de uns trinta francos», affirmava ella no dia seguinte ao duque de Montmorency. Bem vê o leitor que o romantismo até victoriava as raparigas, quando bellas e vestindo de branco. Verdade é que a graciosa dona era uma das nove musas; mas, então, em mais valor tinham sua formosura. Não lá fazer isto hoje; que não seria da boa roda!

Entremos, porém, no assumpto. Estava eu com as letras romanticas, e tenho por isso de trazer aqui o seu patriarcha, um inglez, o qual cito sem rebuço, porque elle nunca se deu bem com os seus compraticios, e até d'elles disse peor mal que o illustre Tackeray, que os poz em lençoes de vinho². O leitor já advinhou a quem me reporto. Pois é esse. Chamava-se Byron, e foi procer de linhagem illustre. Não fez nem desfez ministerios, é certo; não influiu a paixão politica dos povos; nem, em momentos de crise, foi um dictador, um salvador, um apostolo. No seu tempo, a opinião publica até lhe foi adversa. Ninguem, todavia, como elle, imprimiu o cunho do seu genio ao seculo em que vivemos, que, nas artes, na politica, e em todos os seus actos e revoluções, tem sido romantico, heroico e aventureiro, como elle, o poeta da dor.

Certamente o illustre procer inglez havia meditado os problemas, que em nossos dias fizeram subir o processo das classes miseraveis, travado de paixões e lagrimas, ao tribunal da opinião pu-



Byron

blica e dos parlamentos. A questão social, a emancipação dos catholicos, a reforma electiva, problemas, que, ainda agora dominam a attenção da Europa, mereceram de Byron, a quem chamaram o poeta da desesperança, o mais cuidado interesse. Sobre taes assumptos pronunciou na camara dos Lords tres discursos (1812-1813-1814). Defensor da liberdade humana, vemo-lo em suas estrophes trovejar indignado contra o abatimento da Grecia e a morte politica da Italia. E' fremente sua inspiração, quando fulmina os oppressores e defende os opprimidos, tentando, em versos alti-sonantes e verbo-eloquentes, levantar-lhes a fronte decahida³. Mas, eu só quero relembrar agora aquelle

poeta que se comprazia em redizer o verso de Shakespeare:

To die, to sleep. To dream perhaps!

«Morrer, dormir, — sonhar talvez!»

Pois é esse o pae do romantismo. E tão funda impressão deixou na sociedade moderna, que ainda hoje o seu nome é vivo em todas as lembranças. Em Veneza, os gondoleiros não se esquecem de mostrar ao viajante um dos tres palacios Mocenigo, que elle habitou; em Ravenna, o numero 265 da *Via di Porta Sisi* ficou celebre; e igualmente a *Casa Tallusini* em Genova, de onde se vê o mar, a cidade, os Apeninos, poetica mansão, onde residiu Byron antes de partir para a Grecia.

Certo redactor do *Harper's Magazine* conta, em o numero d'aquelle jornal de fevereiro ultimo, as suas impressões de viagem na Suissa; e ahí refere de como é vividoira, na confederação helvetica, a memoria d'aquelle descrito. No castello de Chillon, refere o jornalista, o nome do bardo inglez substituiu a legenda do prisioneiro; o lyrico venceu o martyr; Byron fez esquecer Bonivard; e por toda a parte se lhe deparou — estrada Byron, hotel Byron, emfim este nome indelevel em toda a Europa⁴. Não grangeou o poeta tal nomeada pela sua riqueza, não foi; pois que apenas havia quatro mil libras de rendimento. Adveiu-lhe, como já disse, da supremacia então

¹ In all save form alone, how changed! and who That marks the fire still sparkling in each eye, Who but woud deem their bosoms burn'd anew With thy unquenched beam, lost Liberty! And many dream withal the hour is nigh That gives them back their father's heritage: For foreign arms and aid they fondly sigh, Nor solely dare encounter hostile rage, Or tear their name defiled from Slavery's mournful page.

Byron's Works. — Child's Harold's Pilgrimage. — Canto the second, lxxv. Ed. London. — John Murray, Albermarle Street. 1883, p. 25.

Ah! quão mudada em tudo, menos na apparencia! Quem, reparando no brilho que ainda fulge nos olhos de todos, não ha-de, ao menos, cuidar que arde novamente em seu peito teu fogo nunca extincto, ó perda liberdade? E costume muitos sonham que vem perto a hora que lhes hade restituir a herança de seus paes; suspiram ardentemente por armas e auxilio extranho, mas nem sequer ousam affrontar uma raiva hostil e arrancar o seu manchado nome do livro negro da escravidão.

LORD BYRON. — *Peregrinação de Child's-Harold.* — Canto II. — Tradução de Alberto Telles, 1891.

⁴ Nos Estados-Unidos da America, no paiz dos Lagos, ha uma cidade chamada Byron. *Souvenirs d'un diplomate.* — De Bacourt, p. 309.

² A fina estampa ingleza, da qual a nossa gravura é fiel reprodução, foi espontaneamente offerecida pelo insigne escriptor Camillo Castello Branco ao nosso antigo collaborador e amigo sr. Alberto Telles, que a tornou conhecida, publicando-a a frente da sua excellente tradução da *Peregrinação de Child's Harold*, o melhor poema de lord Byron que foi primorosamente editado pela livraria do sr. Ferreira da rua do Ouro; com os prologos e as notas, tendo sido nitidamente impresso em bom papel nacional na esmerada typographia Castro & Irmão.

A primitiva gravura tem a seguinte elucidação em inglez: «De um esboço feito pelo conde d'Orsay em 1829», e escripto a lapis pelo punho do inspirado auctor d' *Amor de Perdido* as seguintes linhas:

«Aos 35 annos.
«Este rarissimo retrato de lord Byron foi tirado um anno antes da morte do poeta.»
Que fino e genuino typo britannico era o do cantor do *Child's Harold*.

' The world is a bundle of hay,
Mankind are the ass es who pull:
Each tugs it a different way,
And the greatest of all is John Bull.

(Occasional pieces)

Que é o mundo? Um molho de palha.
E a gente que nelle vés
Burros que levam quanto pilham...
Mas o maior é o inglez.

(Trad. do sr. Alberto Telles. — Vide Lord Byron em Portugal, p. 30.)

da Inglaterra, e mais de seus versos alti-sonantes e inconsoláveis paixões. Elle cantou o patriotismo, a gloria, a liberdade; maior, porém, ao descrever o drama intimo da natureza: — o céu, as nuvens, as tempestades do mar combatendo o furacão, ou as dos imperios, onde as rigas e as cans se chamam ruínas! Praziu-lhe a descripção das desgraças grandes, sem que se perdesse o lyrico, que descreveu o amor, a saude, a belleza, a candura, a dedicação e a melancolia. Foi o poeta das auroras e tambem o dos occasos.

Escultor de genio, de tudo fez estatua, mas estatua colossal, *plus grand que nature*. Boas e más paixões em seus versos se encontram; antes as más que as boas; todas, porém, envoltas na chlamyde inconsul da descrença, da desesperança. Seus heroes: — rebeldes, piratas, proscriptos, são anjos cahidos. N'elles, como se entre-mira o seculo em sua febre de criação, e nas angustias de sua impotencia. Adivinha-se que, torturados por uma paixão nobre ou ruim, hão de afinal encontrar descanso, quando o cerebro, apertado na duvida e no desespero de creador, se desentranhar affim nas innumerables obras da civilização, cuja gloria immensa pertence a este seculo, que n'esta hora, já no fim, os politicos chamam velho, porque o medem pelo acanhado da sua estatua e de suas ambições pessoais e pequenas, não realizadas.

Agora bem se comprehende de como o poeta devia impressionar fundamente uma epoca, cujas aspirações, contradicções, desesperos, elle soube traduzir, dando-lhe a forma sublimada do verso. A sua influencia foi, portanto, enorme. E até porque seus pensamentos, sentimentos e paixões vivem no coração de todos os homens. N'elles a natureza humana se reconhece.

Conde de Valenças.



AS NOSSAS GRAVURAS

O GOLPE DE ESTADO DO REI DA SERVIA

S. M. O REI ALEXANDRE I — O PALACIO DE BELGRADO

No dia quinze do mez passado o telegrapho transmittiu-nos o seguinte despacho:

Belgrado, 14, m. O rei Alexandre fez prender os regentes da Servia, proclamou-se maior e constituiu novo ministerio, sob a presidencia do Dr. Dokitch. As tropas prestaram juramento de fidelidade ao rei. A cidade está tranquilla.

Este golpe d'Estado, vibrado pelo joven rei Alexandre I, tem sido muito discutido no mundo diplomatico, e foi combinado em uma entrevista que a rainha Nathalia e o Czar celebraram na Criméa.

No dia 13 de abril, o rei Alexandre convidou os regentes e os ministros a jantarem com elle no seu palacio real de Belgrado. A's nove horas sentaram-se todos á meza, e tendo findado o jantar á meia noite, o rei levantou-se e, com grande assombro dos seus convidados, pronunciou o seguinte breve discurso:

«Senhores: tenho que lhes dar uma noticia desagradavel. Declaro-me maior de idade desde este momento e livre, portanto, da tutela da regencia. D'este modo todos vós, regentes e ministros, ficades destituídos e prezos. Mais vos declaro que tenho nomeado novo ministerio.»

Esta declaração inesperada produziu a maior surpresa entre os convidados. Um dos regentes levantou-se encolerizado e chamou imbecil ao rei. Um official da guarda real desafiou o regente, insultando-o. Seguiu-se lucta entre os dois com grave desprezo da pessoa do rei, em presença do qual se passava esta scena violenta. De nada valeu, porém, a resistencia, porque as ordens do rei foram cumpridas.

O governador de Belgrado, que estava no theatro, foi ali mesmo preso.

Diz um outro despacho:

Belgrado, 14, t. Desde a primeira hora o joven rei Alexandre sahio do palacio, e acompanhado de numeroso estado maior, visitou todos os quartéis, onde foi acolhido com enthusiasmo indiscrível. Por toda a parte na sua passagem a multidão faz-lhe ovações. Reina perfeita ordem. O sr. Dokitch presidente do conselho foi preceptor do rei. Todos os novos ministros são radicães excepto o ministro da guerra.

A proclamação do rei diz que a constituição foi ha pouco tão ameaçada e a auctoridade constitu-

cional da representação nacional de tal modo diminuida que elle não podia tardar mais tempo a pôr fim a esse deploravel estado de coisas.»

O novo monarcha, filho do rei Milan e da rainha Nathalia, nasceu em 1876 em Belgrado. (1) contando portanto apenas 17 annos. Desde 1889, epocha em que seu pae abdicára, que o governo da Servia estava confiado a uma regencia composta dos srs. Ristitch e Belimarkovitch.

Segundo parece não caminhavam muito bem as coisas de forma que o joven herdeiro do throno se antecipou, obedecendo em parte ás reclamações da opinião, e resolveu proclamar-se maior, como se vê do despacho acima, e *in continentí* assumir a governança.

Existem na Servia dois partidos o dos *liberaes*, os amigos da Austria, que cahiu agora, e o dos *radicães*, os vencedores e cujas predilecções são para a Russia.

Alexandre I foi muitissimo bem recebido e o seu acto d'energia applaudissimo devido a ter-se a regencia tornado impopular.

Um viajante estrangeiro em Portugal no seculo XVI

III

(Continuado do n.º antecedente)

«Muitas paginas me levaria, escreve elle ao seu amigo Latomus, dar-vos uma narração completa da minha jornada para Braga. Sai no dia 30 de julho, eu e Guilherme, a cavallo, tres mulas de bagagem, dois arrieiros, e os meus tres pretos, *Dento*, *Nigrinus* e *Carbo*. Pensaríeis pela pompa e pelos grandes bahús que era algum bispo que se punha em marcha. Era já tarde quando saímos de Evora, e, como nos perdemos no caminho e andámos mais de uma legua n'uma direcção errada, era tardissimo quando chegámos ao primeiro sitio de paragem. Na estalagem não havia vinho. Disseram-nos que algum se vendia n'uma casa proxima, porém que a gente da casa já estava deitada. Tivemos portanto de recorrer ao vinho de que João Petit bondosamente nos provêra para o terceiro dia de jornada em que tínhamos de atravessar um longo tracto deserto de terreno sem habitações. Tínhamos na estalagem pão com abundancia; mas um Brabantino como eu precisa para ceiar de mais alguma cousa sem ser pão. Os nossos cavallos passaram melhor do que nós porque tiveram agua — seis alguidares cheios — por cada um dos quaes tive comtudo de pagar tres reaes, quasi o preço do vinho em Loyaina. O meu leito era muito curto de forma que, se fosse inverno, teria tido os pés gelados e as pernas tambem até aos joelhos. Na noite seguinte quando chegámos a Montargil, encontramos uma só cabana, em que não cabia quasi a nossa bagagem, nada de cavallariça, e nem sombra de leito. Começámos por perguntar ao estalajadeiro:

«— Tem cevada?

«— Não, respondeu elle, mas tenho alguma palha.

«(Em Hespanha e em Portugal, meu caro Latomus, não dão aos cavallos nem feno nem aveia, mas só palha e cevada.)

«Aqui podémos ceiar um coelho, que tínhamos com prudente previsão comprado no caminho. Homens e cavallos dormiram no chão ao ar livre. Eu recostei a cabeça e as costas na bagagem, deixando as pernas no solo. Levantámo-nos muito antes de romper o dia, e parece-me que andámos as nossas dez horas antes de almoçar. Acabámos quasi a nossa provisão de vinho e tivemos um longo descanso, assegurando-nos os arrieiros que atravessaríamos o Tejo antes da noite, e que de outro lado acharíamos tudo quanto quizessemos: vinho, gallinhas, perdizes e carneiro; mas chegámos já tarde para podermos atravessar o rio n'essa noite. Raihei muito com os arrieiros, por elles terem preguiçoso tanto ao almoço que não podémos apañar o barco de passagem.

«Na margem do rio achámos só uma estalagem, cujo dono, se eu fosse rei, seria preso ou crucificado, tão incivilmente nos tratou. Era um verdadeiro Polypheumo este estalajadeiro. Cumprimentei-o e perguntei-lhe se tinha palha. Pareceu ficar duvidoso sobre se deveria corresponder ao meu cumprimento; mas sahio de forma que eu imaginei que elle ia tratar da ceia. Repeti a minha pergunta. Respondeu-me simplesmente:

«— Não tenho palha.

«— Oh! desgraçado Portugal! *Beati qui vident et non crediderunt*. Afinal um dos arrieiros descobriu que havia muita palha em casa e com muita difficuldade obteve alguma para os cavallos. Aconteceu exactamente a mesma cousa com relação á cevada.

«— Agora o que temos para ceiar?

«— Não temos nada em casa, respondeu o estalajadeiro.

«— Mate nos uma gallinha.

«— Eu não crio gallinhas para seu beneficio.

«— Então ovos?

«— Eu verei se ha alguns.

«Não appareceram ovos.

«— Não tem peixe, estando aqui ao pé do rio?

«— Peixe! respondeu elle. Quem é que come peixe n'um dia de carne?

«Guilherme arranjou a meza, em cima da qual se poz para ceirmos uma saleira e dois nacos de pão. Olhando á roda de mim vi uma frigideira ao lume e perguntei o que é que se estava cosinhando.

«— Toucinho, disse o estalajadeiro.

«Perguntei-lhe se não nos podia dar algum para untarmos o pão.

«— Não, isto é para os meus criados.

«Afinal depois de muitos pedidos alcancei perto de meia onça e a mesma quantidade para Guilherme. Olhei á roda de mim para ver se descobria alguma coisa que satisfizesse as reclamações do meu estomago.

«— Ao menos podeis nos dar alguma da gordura em que se está frigindo o toucinho.

«— Não é sadio...

«— Pois dê-nos isso, ainda que não seja senão para molharmos o pão.

«— Não é bom...

«Felizmente descobrimos um pouco de vinho que nos sobejou do almoço. Eu então o que fiz foi torrar um pedaço de pão e molhar o no vinho. Pareceu que isto não fazia senão augmentar-me a fome.

«— Nãs ha mais toucinho em casa?

«— Não.

«— E o que havíamos de fazer? Felizmente occorreu-me que eu em criança tinha muitas vezes comido cebolas assadas.

«— Tendes cebolas? perguntei eu, tremendo de que elle me dissesse que não.

«— Vou ver, tornou elle.

«Depois de algum tempo passado entre a esperanza e o medo, sendo-nos Jove mais propicio do que até ahí, alcançámos duas cebolas. O Guilherme comeu uma, eu comi outra, lambendo depois os dedos, porque as cebolas estavam arranjadas com azeite e vinagre, e de vinagre havia grande abundancia na casa, porque a bebida a que elles chamavam vinho servia de vinho e de vinagre. Depois d'esta sumptuosa refeição, disse Guilherme ao estalajadeiro:

«— Tendes uma cama para este senhor?

«— Isto não é tempo para camas, respondeu o Cyclope. Ninguem precisa de cama no verão.

«Podeis imaginar quanto esta resposta me espantou. Comtudo afinal, depois de muitas instancias, arranjei uma cama por vinte reaes, quando o preço usual é de cinco ou de dez.»

A descripção é viva e pittoresca, e nada mais interessante do que a leitura d'esta narrativa familiar do seculo XVI, que nos parece um trecho de um romance de Alexandre Dumas. Confessemos comtudo que o sr. Kleynardts bem merecia o que lhe aconteceu. Todos têm o costume de querer por força avaliar os costumes dos paizes estrangeiros pela bitola dos seus costumes nacionaes. E assim que viajantes hespanhóes e francezes se indignam por não encontrarem em Portugal as camas lófas e de molas que usam em França e em Hespanha. Ora a muitos Portuguezes ha de ter succedido não poderem dormir nas taes camas que em Hespanha e França se consideram como o supra-summo da civilização. Os portuguezes por isso não se lembram de dizer que a Hespanha e a França são paizes selvagens só porque os nossos corpos estranham as camas que lá se usam como elles não hesitam em alcuñar de selvagem a terra portugueza, só por serem os nossos leitões que elles estranham!

Assim tambem a comida ingleza tem um aspecto asselvajado. Aquella simplicidade de manjares, aquelle carneiro pesado, aquellas comidas insipidas temperadas com sal á meza podem parecer realmente umas refeições primitivas, bem pouco proprias de um povo civilizado, a quem está costumado aos requintes da comida franceza, mas ninguem por isso chama selvagens aos Inglezes. Limitamo-nos naturalmente a dizer que temos um paladar muito diverso.

(1) Vide OCCIDENTE, volume XI pag. 164 e 218.

Poesias do Visconde Julio de Castilho

ORIGINALIDADES

TEXTO

VERSIONE

(CONTO BRITANICO)

(Continuado do numero antecedente)

PERANTE UM QUADRO DE AUCTOR FLAMENGO

D'AVANTI AD UN QUADRO DI AUTORE FIAMMINGO

Caiu, pallido, exangue, em meio á Sacra Via.
O Cyrenéo chegou, e ampara, carinhoso,
O lenho funeral, que ao peso opprobioso
Verga os hombros carnaes do Filho de Maria.

Pallido, esangue cadde in sulla Sacra Via.
Accorre il Cireneó, e sostiene, pietoso,
Il legno funerale, il cui peso obbrobrioso
Gli ómeri fa piégar del Figlio di Maria.

Em roda armas, tumulto, apupos, vozeria.
Destaca em céo grisalho o prestito ruidoso.
Cresce a plebe iracunda. Ouve-se o lamentoso
Dos lagubres clarins prenuncios da agonia.

Intorno armi, rumor, scherni di gente ria,
Risalta in fosco ciel tutto il corteggio odioso.
Cresce il furor nel volgo. S'ode un lamentoso
Clangór di trombe cupe nunzie d'agonia.

Trémula de pavor, morta de sofrimento,
Co' os olhos segue a Mãe de longe o exausto Filho.
Elle avistou-a; céos! encara-a; que momento!...

In preda a mortal duol, trémula di spavento,
Maria segue cogli occhi il suo Figlio Divino.
Ei la intravede; oh Ciel! la fissa; qual momento!..

Nos olhos já sem luz raiou celeste brilho.
Feliz quem tem no extremo desalento
Um doce olhar de mãe a allumiar-lhe o trilho!

Nei suoi smorti occhi appar un fulgór peregrino.
Felice è chi nei di d'un grande scoramanto
Ha un pio sguardo di madre a irraggiargli il cammino!

A UMA DONZELLA DA RAINHA D. ISABEL

AD UNA DONZELLA DELLA REGINA ISABELLA

Doeu-te ouvir que a minha voz se unia
Aos maviosos harpejos da viola;
Doeu te ouvir a minha barcarola,
Cuidas que o meu cantar é de alegria.

Ti spiacque udire che la voce mia
Suniva ai dolci arpeggi della viola;
Ti spiacque udire la mia barcaruola,
Pensi che il canto mio suona allegria.

Enganas te, anjo bom. Da melodia
Sae quanta vez, como divina esmola,
O pranto que nos move e nos consola,
E a suave e christã melancolia.

Sbagli, buon Angel. Dalla melodia,
Quasi óbolo divino, spesso scola
Il pianto che ci molce e ci consola,
Ed una celestial melancolia.

Isso é que eu procurava, ao ir tristonho
Tanger sósinho o querulo instrumento,
E acalmar esta dór que nada acalma.

È ciò di ch'io dolente avea bisogno
Suonando a solo il querulo strumento,
Per calmar questo duol che nulla calma.

Quando geme a viola, eu velo e sonho;
E aos ais d'esse tristissimo concerto
Não canta a minha voz, chora a minha alma.

Quando geme la viola, io veglio e sogno;
E ai sospiri di tal mesto concerto,
Non canta la mia voce, piange l'alma.

O OCCASO Á AURORA

L'OCCASO ALL' AURORA

Eu sou o Occaso. O meu coração triste
Procura aonde se acointe,
Como entre os ramos de foresta annosa
Os passaros á noite.

Io son l'Occaso. Il triste core mio
Cerca un sicuro ostello,
Come fra i rami di foresta annosa
Alla notte l'uccello.

Tu és a Aurora. A tua mocidade
Resplende toda riso;
Cantam em ti as aves, e illuminam-te
Clarões de paraizo.

Tu sei l'Aurora. La tua gioventude
È tutta tutta un riso;
In te l'assignuol canta, e ti rischiárano
Lampi di paradiso.

Eu sou o Occaso. Entram commigo as sombras
E o seu rumor soturno;
Já no meu céo entreabrem as estrellas
O seu fanal nocturno.

Io son l'Occaso. Stanmi addosso le ombre
Col corteggio ferale;
Giá nel mio ciel lascian scoprir le stelle
Il lor fanal serale.

Tu és a Aurora. O sol inonda a jorros
Todo o teu firmamento;
Em ti vibra uma estranha melodia
De graças e talento.

Tu sei l'Aurora. Il sole invade e inonda
Tutto il tuo firmamento;
In te vibra una strana melodia
Di grazia e di talento.

Deixa que o moribundo Occaso em extasi
De ti se inspire agora,
E te envie este brado enthusiastico,
Saudando a tua aurora

Lascia che il moribondo Occaso in estasi
S'inspiri in te in quest'ora,
E questo mandí a te grido enthusiastico,
Salutando tua aurora.

ESPARSA

STORNELLO

No peito nos quiz Deus pôr
Planta da sua afleição,
Chamamos-lhe coração,
Vive, regando a de amor.

Dio volle porci in petto
Di sua elezione un fior,
Noi l'appelliamo cor,
Vive, asperso d'affetto.

Coração que Deus te deu,
Porque não m'o dás a mim!
Que d'essas plantas assim
Bom jardineiro sou eu!

Il cor che Dio t'ha dato,
Perché a me nol regáli!
Ché di piante cotali
Son giardiniere nato.

Prospero Peragallo.

Iro sonhava uma fortuna e, despertado pelo prazer, acordou sobre as palhas que lhe serviam de cama.

Foi assim Williams, vendo n'um segundo totalmente derrocado, reduzido a pó, o gigantesco castello tão solidamente architectado.

Um rugido espantoso lhe sahiu do fundo do peito, e tão estridente, tão medonho, tão afflictivo, que John, a esse tempo em grande intimidade com o travesseiro da cama, saltou de um pulo sobre o pavimento e esfragou sacudidamente os olhos.

Porém menos resignado do que Iro, Williams deixou correr ao longo das faces algumas lagrimas, que caíram sobre as cruzas encandescentes voltolizando se como o insensu dos holocaustos, e apoz esta derradeira homenagem ao genio aniquillado, sem forças para mais, cahiu ruidosamente, desamparado, sem sentidos.

Longo foi o deliquio, custoso o despertar que o velho John evocava dedicadamente vasando-lhe sobre a cabeça uns após outros abundantes baldes d'agua fria.

Que cuidados, que dedicações as d'este John!
Por fim Williams lá despertou para a vida.

Mas que vida!

O desespero, o pesar e a agua fria prostraram o no leito do soffrimento d'onde, parece, não poderia levantar se mais, senão fosse o incansavel domestico, aquelle dedicado John, acudir-lhe tanto a tempo com as suas judiciosas reflexões e mais ainda com os seus provocantes *rostebeefs*, regados de magnifico Porto e que produziram o milagre de ir o doente esquecendo pouco a pouco a catastrophe para cuidar da vida, que, salvo o estafado estylo de neerologia, prestes esteve a ser traçada pela afiada thesoura da parca implacavel. O golpe, porém, havia sido fundo e não era facil cicatrizar a ferida que gotejava com frequencia.

Um mal origina outro: *abyssus abyssum*... O gentieman foi impetuosamente atacado do terrivel mal de *spleen*, que o emergiu em profunda tristeza.

N'um d'esses ataques horriveis que podem dar a morte, foi que Williams, com assombro de John, resolveu deixar Londres e ir correr mundo como qualquer cavalleiro andante da idade media.

No dia seguinte os dois profugos embarcavam a bordo do vapor que punha o archipelago em comunicação com o continente.

Williams nem sequer deu um derradeiro olhar á patria que o vira nascer, emquanto que John en-sopava em lagrimas uma duzia de lenços, e fitava com insistencia a sua vista turva no vulto gigantesco da cidade, que lá ficava envolta em nubloso manto.

Desappareceram os cimos das collinas, esconderam-se de todo as grimpas das alcantiladas torres, restava o ceu, o mar e o barco singrando ve-loz.

Aonde iam?

Ninguem o saberia dizer, nem mesmo o proprio Williams.

Era seu norte fugir da cidade maldita onde lhe ficava soterrada a immortalidade do nome, a gloria immorredoura.

Mas, caso extranho, Williams ao passo que apagava n'alma a paixão imarcessivel, soprava na mente outra ideia luminosa.

Se a biblia perdida no incendio levava consigo as notas marginaes do terceiro capitulo, o pensamento de Shakespeare é, talvez, o seu odio ao sexo amavel; aquella tendencia para o indefinido que de principio lhe notamos, fez-lhe começar a crer que a mulher pallida, a mulher aerea, transparente, subtil, impalpavel invisivel quasi, não poderia entrar nunca na linha das mulheres perfidas.

Foi assim que á predilecção pelo obscuro, pelo amortecido, pelo duvidoso, elle juntara a tendencia para a mulher que com este ideal tivesse algum ponto de contacto.

E não se pense que fôra isto obra de um momento, não senhores; foi o resultado de muita reflexão, de muito raciocinio, em que caminhando de principio em principio chegou admiravelmente logico aquella conclusão.

É evidente que Williams não era um inimigo tão encarniçado do bello sexo que não pudesse n'um momento critico ser esniagado pelo delicado péssimo de uma dama gentil.

A questão era de tempo e de occasião, chegada ella Williams succumbiria como o mais fraco.

Deixemos as peripecias da viagem, que se resumem em uma interminável serie de descidas e entradas em wagons, em coupés em americanos, em todas as especies de transportes, emfim, que a civilização tem aperfeiçoado para maior commodidade dos viajantes, mas tudo n'uma carreira vertiginosa, constante, interminável.

Almoçava de pé, jantava encostado á mesa do restaurant, tomava o café ou a cerveja equilibrado em uma das pernas e permitindo á outra um ligeiro descanso na cadeira proxima, e não se sentava senão na carroagem onde apenas dava ao corpo uma pequena inclinação para dormir levemente, muito de sobresalto, com receio de perder o comboio nas estações de trasbordo.

E as malas a seguiu-o; o guarda-chuva e a bengala fazendo constante equilibrio debaixo dos braços; o *porte voyage* de um lado ao tiracolo, e o estojo de barba, tudo atraz d'elle, seguindo-lhe os movimentos das entradas, das subidas e das descidas.

E John impassível como um automato, mudo como a estatua do commendador, erguendo-se ou sentando-se a um simplissignal de seu amo.

Nem uma palavra trocavam: um silencio absoluto de parte a parte.

Tinham atravessado já a França e só os separava da Suissa o formidável tunel de S. Gothard.

Antes da travessia Williams preveniu o servo, de que sahiriam no territorio suizo, cidade de Lucerna.

Era já tempo. John mal podia sustenter-se com a fadiga da jornada.

Tropego pela inercia a que o obrigava a sua posição de viajante, cambaliava como um ebrio e apresentava no dorso uma curvatura que muito contrastava com o apumado do typo nacional. Williams, esse era o mesmo homem. Imperava-lhe uma força de vontade pouco vulgar, que lhe era preservativo contra todos os incommodos, que andam naturalmente annexos ao prolongado jornada; parecia até mais agil; saltava com a ligeireza de uma creança e com a graça de uma dama.

Tinha remoçado!

Nem uma ruga na face, nem um cabelo a alvejar em meio das louras suizas!

Ribicundo, amavel, destro e perpendicular.

Lucerna estava á vista.

Os cicerones, estacionados no ponto onde os passageiros apeando-se demandam a cidade, offereciam com insistencia os cartões dos hotéis mais proprios para receberem os gentilemans.

Williams, digamol-o de passagem, posto que houvesse em muito modificado todas as suas opiniões, e houvesse por isso escolhido de preferencia a outro paiz a confederação Helvetica, todavia dos seus vinte dois cantões dera preferencia áquelle que alguns restos de respeito tradicional conservava ainda pela aristocracia estrangeira.

Não podia ainda conformar-se totalmente com o tratamento generico de cidadão.

Amava os seus queridos pergaminhos como o pavão adora a plumagem e o gato as unhas.

A Suissa é realmente um paiz encantador como poucos.

As suas montanhas, os seus valles, os seus lagos e as suas torrentes não tem rivales no mundo.

Os lagos, sobre tudo, são admiraveis.

Parece que a natureza extrahiu da sua cornucopia o mimo de cada flor para adornar com elle a margem, a superficie e o seio d'aquellas aguas de prata!

Lucerna fica proxima do lago do seu nome, conhecido tambem pelo de lago dos quatro cantões. Se para os nacionaes é isto indifferente, para o estrangeiro é extraordinariamente encantador, é sublime.

Tem Lucerna a pouca distancia do lago um soberbo hotel onde nunca se encontra um aposento desoccupado por muitas horas.

Foi para ali que Williams se encaminhou seguido de John e alguns carregadores que levavam as malas.

Não poderia o filho da nobre Albion encontrar em todo o cantão logar mais amavel, mais delectoso.

O poeta tinha ali inspirações inesgotaveis, o philosopho temas para largas dissertações, o amante infeliz ecco ás saudades e aos lamentos,

os noivos uma lua de mel sem rival, e até o indeferente, o insensível, um silencio e uma brisa apropriadas ao *dolce far niente*.

De todos estes specimens havia mais d'um exemplar na linda casa da beira do lago, onde não faltava tambem o estadista, o banqueiro, o rico negociante, o opolento industrial e o artista; em summa, todas as classes.

A joven titular, a coquette e a matrona, a cantora e a actriz, todas tinham ali o seu *toilette*, o seu sanctuario, o seu amoroso ninho.

A's vezes, e não poucas, deparava-se com uma debil joven encostada ao braço d'um desvelado cavalheiro, ou então um franzino moço apoiado a uma graciosa dama não menos amavel e sollicita do que o sustentaculo do outro par.

Eram os doentes, os rachiticos, os anemicos, os atacados d'affecções pulmonares e outras doencas, verdadeiros flagellos da pobre humanidade.

Disseram lhes que lhes seriam beneficos aquelles ares, aquellas brizas.

Illusão completa, consolador engano! Mas esta derradeira esperança é o fogo que ainda alimenta aquellas desgraçadas existencias.

(Continúa.)

A. MOTTA.



THOMAZ BLANC

(Copia de uma photographia)



REVISTA POLITICA

Pela centessima millionessima vez volta á discussão o celebre emprestimo denominado *D. Miguel*, pelo que se vê, corre parelhas com a Phenix que renasce das proprias cinzas.

Por varias vezes e em varias epochas se tem considerado este negocio concluido e arrumado em santa paz, e outras tantas vezes elle tem resurgido, com tanto ou mais vigor, como se fôra a primeira vez que viesse expôr sua justiça.

N'isto, como em muitas outras coisas se evidencia o quanto tem andado descurados os negocios publicos, e a falta de habilidade ou zelo nos nossos politicos em defender os interesses do paiz, habilidade e zelo que, Deus louvado, lhes não mingua para a politiquice da terra.

Ora, como se sabe, este emprestimo foi contratado em 1833 quando Portugal se encontrava em condições excepcionaes, pela guerra estabelecida entre D. Pedro e D. Miguel que disputavam a legitimidade do seu governo, achando-se então uma parte do paiz sob o governo de D. Pedro como regente em nome de sua filha D. Maria II, e outra parte sob o governo de D. Miguel.

Apenas uma pequena parte d'este emprestimo aproveitou ao governo vencedor e foi a que se en-

controu nos cofres publicos, sendo certo que d'este mesmo emprestimo apenas foi tomada uma parte por algumas familias legitimistas francezas, não chegando a emittir-se o resto, nem a referendarem-se devidamente os titulos.

A parte do emprestimo emittida não chegou a ser officialmente cotada na bolsa de Paris, pela razão da lei franceza só permittir a cotação de titulos estrangeiros quando fosse requerida pelos governos emissores d'esses titulos, e o governo de D. Miguel não chegou a ser reconhecido em França.

N'estas condições Portugal, em face das leis, não devia pagar um real d'aquelle emprestimo, e só por equidade e respeito pelos seus creditos podia fazer alguma transação para liquidar aquella divida.

Não succedeu, porém, assim. Os possuidores d'aquelles titulos conservaram nos até certo ponto, e depois hoveram uns que os venderam por todo o preço, quasi a peso, e outros que os reputaram perdidos conservando-os apenas como uma recordação, a perderem-se entre os papeis bolorentos de familia. Quando, em 1848, appareceram as primeiras reclamações nas camaras francezas sobre este negocio dos titulos, para que o governo francez patricionasse os possuidores dos titulos do tal emprestimo, já essas reclamações não eram feitas, em grande parte, precisamente pelos verdadeiros prestamistas, mas pelos especuladores que tinham comprados os titulos a peso e se isto era então, imagine-se o que será hoje.

Nem então nem depois as reclamações que se fizeram foram attendidas pelo governo portuguez, e todas as consultas que se fizeram nas altas estancias da jurisprudencia foram desfavoraveis ao pagamento dos titulos.

Outra vez repetimos: por equidade podia o governo portuguez ter liquidado este negocio em condições favoraveis, mas a politiquice absorvendo sempre o melhor das attentões dos governos, não lhes permittiu occuparem-se de bagatellas.

Passaram-se annos e reclamações, e os taes titulos em vez de se irem desfazendo com o tempo que tudo consome, parece que foram rejuvenescendo e multiplicando-se como mandam as leis naturaes da criação.

O famigerado emprestimo ia adquirindo proporções de legalidade que estavam na razão inversa do tempo que os ia caducando, e quanto mais os governos portuguezes iam alargando os seus recursos ao credito, os taes titulosinhos mais se avigoravam e cresciam nas carteiras dos especuladores, elles pobres e mesquinhos que tinham entrado para lá como indecentes e más figuras.

Tudo era esperar occasião opportuna. Essa occasião chegou!

Os governos portuguezes, na sua febre de recorrer ao credito, foram bater ás portas dos banqueiros francezes, e então era chegado o momento de fazer valer os titulos do emprestimo D. Miguel.

Tudo veio para a praça.

Os que tinham alguma legalidade, os que não tinham nenhuma, e até, segundo se diz, os falsos, que tambem os ha.

A guerra ao credito portuguez queimou os seus melhores cartuxos. Os meios mais baixos e abjectos serviram d'armas infames contra o credito de Portugal, e de tal modo apertaram o cerco, que o governo portuguez de 1891, teve que transigir na pessoa do sr. ministro da fazenda, o sr. conselheiro Augusto José da Cunha, com os pseudo prestamistas do emprestimo de D. Miguel, reservando-lhe dois milhões e quinhentos mil francos do emprestimo dos tabacos para satisfazer os taes titulos.

Parece que devia ter findado aqui este desgraçado negocio; pois não findou.

Ultimamente uma folha de Lisboa, levantou graves suspeitas sobre o modo como se liquidára o tal emprestimo, e essas suspeitas assumiram taes proporções que o caso foi entregue aos tribunales.

Diz-se que es titulos que se pagaram eram os falsos e agora apparecem os verdadeiros.

!!!

Abstemo-nos de aventar juizos temerarios sobre o caso, que de resto é de esperar se esclareça, a não ser que tudo isto seja apenas uma tempestade n'um copo d'agua.

E até depois da abertura do parlamento.

João Verdades.